



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

7670 - Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)

ISSN: 2595-7945

GT06 - Educação Popular

AS CONTRIBUIÇÕES DA PEDAGOGIA DE PAULO FREIRE ENQUANTO ALTERNATIVA METODOLÓGICA PARA A PESQUISA-AÇÃO EM CONTEXTO DE EDUCAÇÃO POPULAR NA COMUNIDADE VIVA DEUS

Jullyana Cristhina Almeida de Freitas - UFMA - Universidade Federal do Maranhão

Betania Oliveira Barroso - UFMA - Universidade Federal do Maranhão

AS CONTRIBUIÇÕES DA PEDAGOGIA DE PAULO FREIRE ENQUANTO ALTERNATIVA METODOLÓGICA PARA A PESQUISA-AÇÃO EM CONTEXTO DE EDUCAÇÃO POPULAR NA COMUNIDADE VIVA DEUS

1. INTRODUÇÃO

O objetivo do presente artigo é apresentar as contribuições da pedagogia de Paulo Freire enquanto uma alternativa metodológica para a pesquisa-ação, em um contexto pautado pela Educação popular, num acampamento sem-terra, denominado Comunidade Viva Deus. Estes, lutam há 17 pela titularidade da terra. Inicialmente, farei uma breve exposição acerca do que representa a perspectiva qualitativa de investigação, definindo a abordagem da pesquisa-ação enquanto um mecanismo de pesquisa que permite apreender a realidade social a partir de sua totalidade. Posteriormente, demonstrarei de que forma o trabalho educativo é efetivado na comunidade por meio da metodologia freireana de trabalho.

Mais do que uma metodologia de pesquisa, aqui, os procedimentos metodológicos práticos freireanos, em colaboração com a abordagem da pesquisa-ação, operam rumo a construção de um outro modelo de pesquisa, que visa um outro modelo de sociedade, não capitalista, pois este cada vez mais exclui e segrega. Tais relações são pautadas no confronto que permeia as categorias capital e trabalho, uma vez que é o que compõe a realidade social da pesquisa.

O presente texto visa, ainda, discorrer acerca da metodologia utilizada no desenvolvimento da pesquisa de Mestrado (em andamento): “As contribuições da Educação Popular de Paulo Freire para a Emancipação Humana dos sujeitos da EJA da Comunidade Viva Deus”. Tal pesquisa objetiva colaborar para os processos de Emancipação Humana de sujeitos trabalhadores e trabalhadoras majoritariamente rurais, por meio da experiência vivenciada na formação política com os sujeitos da comunidade, em contexto de Educação Popular no campo.

A Comunidade Viva Deus, territorialmente falando, se estrutura através de um acampamento rural composta por trabalhadores e trabalhadoras majoritariamente adultos (as) e idosos (as), que se dividem entre a cidade e o campo em busca da manutenção da vida, uma vez que o campo ainda não supre todas as necessidades. Para tanto, os moradores se organizam por meio de uma associação de agricultores e agricultoras rurais que deliberam todas as suas questões por meio de assembleias realizadas a cada último domingo do mês, em que todas as decisões são tomadas coletivamente na comunidade.

Assim, é possível depreender que o tempo de luta vivenciado, a própria organização social, territorial, fundiária e dos conflitos de terra gerados no *locus* da pesquisa, exprimem uma diversidade de fatores passíveis à serem investigados, e, nesse aspecto, somente a perspectiva qualitativa de pesquisa contempla a totalidade do espaço social pesquisado. Desse modo, a metodologia utilizada na pesquisa é atribuída pela própria natureza do objeto, uma vez que tal abordagem é entendida como a mais indicada para capturarmos aspectos subjetivos dos fenômenos sociais que são importantes na composição dos resultados da pesquisa.

Para o desenvolvimento da discussão no texto, as categorias capital e trabalho são dois aspectos que marcam fortemente uma pesquisa qualitativa, uma vez que ambos são elementos constitutivos da vida humana e que regem todos os processos que daí decorrem. Assim, a metodologia aqui utilizada propõe a discussão sobre a superação do atual modo de produção, o capitalista, tendo em vista a sugestão de outro meio de sociabilidade, a qual permita que a classe trabalhadora tenha autonomia sobre aquilo que produz.

Desse modo, a partir da Educação, se pode contribuir ou não para a manutenção do atual modelo de produção. Nesse sentido, por meio da perspectiva metodológica aqui apresentada, pretende-se trabalhar em direção a um outro modelo que realmente sirva aos interesses e necessidades da classe trabalhadora.

1.1 A perspectiva qualitativa de investigação

Antes de conceituar e relacionar o paradigma qualitativo de investigação ao meu objeto de pesquisa, é importante frisar que, para Bogdan e Blikem (1994), a pesquisa qualitativa teve início com o surgimento da urbanização e dos impactos da imigração enquanto principais causadores das condições degradadas de vida da classe trabalhadora da sociedade americana.

Para desenvolver uma pesquisa qualitativa, de natureza da pesquisa-ação é necessário realizar um bom trabalho de campo. Dessa forma, Segundo Ruiz (1976, p. 50), “a pesquisa de campo consiste na observação dos fatos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados e no registro de variáveis presumivelmente relevantes para ulteriores análises”. Ou seja, aqui, análises apriorísticas não podem ser consideradas, pois tudo se delinea durante o próprio processo de pesquisa.

Nesse sentido, em Rocha e Eckert (2008), no espectro da pesquisa antropológica, é possível verificar que a preparação da pesquisa de campo implica no seguimento de algumas etapas, onde:

Uma delas é a construção do próprio tema e objeto de pesquisa desde a adoção de determinados recortes teórico-conceituais do próprio campo disciplinar e suas áreas de conhecimento (Antropologia rural, Antropologia urbana, etc.). Não é usual este projeto contemplar hipóteses iniciais de pesquisa uma vez que estas emergem na medida em que a investigação avança com a aproximação ao universo a ser pesquisado. (ROCHA E ECKERT, 2008, p. 02)

Desse modo, a inserção no campo de pesquisa, ainda para as autoras, transcorre a partir de uma rede de interações tecidas pelo pesquisador no contato com o grupo que está sendo pesquisado. Nesse aspecto, não se pode falar em trabalho de campo sem mencionar o diário de campo, pois é o que torna factível os dados coletados.

É através das informações contidas nele que a pesquisa vai ganhando forma, representando o mergulho, a imersão no trabalho e pode conter o cotidiano do pesquisador, seus receios, medos, angústias, descobertas e experiências que o alimentou durante o processo de pesquisa na tentativa de compreender a cultura pesquisada.

A escuta atenta também constituiu um procedimento essencial na pesquisa qualitativa, uma vez que, a mesma, é importante desde a entrada em campo até o momento em que todo o espaço já é reconhecido. Ouvir os sujeitos é central na pesquisa-ação. Nesse aspecto, Matta e Velho (1978 apud Rocha e Eckert 2008), assinalam que:

A disposição de escutar o Outro, não é tarefa evidente. Exige um aprendizado a ser conquistado a cada saída de campo, a cada visita para a entrevista, a cada experiência de observação. Os constrangimentos enfrentados pelo desconhecimento vão sendo superados pela definição cada vez mais concreta da linha temática a ser colocada como objetivo da comunicação. Diz-se então que a prática etnográfica permite interpretar o mundo social aproximando-se o pesquisador do Outro “estranho”, tornando-o “familiar” ou no procedimento inverso, estranhando o familiar, superando o pesquisador suas representações ingênuas agora substituídas por questões relacionais sobre o universo de pesquisa analisado. (Da Matta, 1978 e Velho, 1978).

Nessa abordagem de pesquisa, como se trata de um trabalho na Comunidade Viva Deus, esta, sem-terra, é necessário que sejam frequentadas as reuniões da associação dos moradores e participar das ações políticas não somente enquanto pesquisador, mas enquanto um sujeito igualmente político e engajado nas lutas, nas pautas e nas reivindicações almejadas. Ou seja, é realmente um trabalho de imersão.

Nesse caso, o objeto é a luta popular vivenciada pela comunidade, onde, a mesma, a partir das ações, irá mostrar ao pesquisador, dentro de uma gama de possibilidades, o aspecto investigado, cabendo a este definir o recorte. Para tanto, existem técnicas e instrumentos de coleta de dados, onde o que irá definir os caminhos a serem seguidos será o objetivo, o problema de pesquisa, bem como os procedimentos metodológicos adotados.

1.2 A pesquisa-ação

A pesquisa-ação constitui um tipo de pesquisa qualitativa, e, muito mais do que outras abordagens, esta possui o compromisso em resolver e intervir nos problemas identificados por meio de metodologias práticas, que no caso do objeto de estudo deste texto, a utilizada é a freireana, por meio do círculo de cultura, das situações-problemas-desafios e da produção do texto coletivo enquanto instrumentos de coleta de dados que nos permite intervir no cotidiano pesquisado.

Para Barbier (2002), a “pesquisa-ação é uma atividade de compreensão e de explicação da práxis dos grupos sociais por eles mesmos, com ou sem especialistas em ciências humanas e sociais práticas, com o fito de melhorar sua práxis”. Desse modo, tal metodologia visa uma ação transformadora da realidade, onde o cotidiano não pode ser excluído do processo de produção de saber.

Não há outra abordagem de pesquisa que mais contemple a totalidade da realidade social vivenciada no campo de pesquisa. Identificar e experienciar os problemas vividos em comunidade é o primeiro passo para que se possa intervir na realidade, propondo a

elaboração de possíveis soluções propostas coletivamente pelo grupo de moradores e pesquisadores. Nesse momento, existe uma significativa interação entre todos os sujeitos da pesquisa dada pelo engajamento de ambos, onde o foco não será necessariamente o sujeito, mas as relações humanas e questões vivenciadas, que, no caso da presente pesquisa, objetiva colaborar para a Emancipação Humana dos mesmos.

A pesquisa-ação, em Thiollent (1985), é um tipo de pesquisa social que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes se relacionam de modo cooperativo. Ou seja, aqui, existe um foco na resolução do problema identificado, uma vez que tal resolução será proposta de maneira coletiva entre o grupo, pois não há como trabalhar de outra maneira em contexto de Educação de iniciativa popular no campo dentro da abordagem da pesquisa-ação.

A ação, o compromisso com a resolução das problemáticas, o engajamento do pesquisador e a processualidade dos aspectos observados faz com que a pesquisa-ação tenha estreita relação com a metodologia da Educação Popular. Inicialmente, surgiu com um viés de denúncia que objetivava a transformação da realidade social excludente e hegemônica, o que ainda constitui sua essência.

Interação e formas de ação coletiva são palavras-chave nesse tipo de abordagem, uma vez que a intervenção e a resolução dos problemas são essenciais para que possamos compreender a natureza da investigação. Só pode se considerar a pesquisa qualitativa uma pesquisa-ação quando há um real envolvimento e ação entre os sujeitos participantes, tendo em vista que possuem uma função importantíssima no processo investigativo.

Não obstante, é importante ressaltar que o desenvolvimento da pesquisa aqui referenciada, bem como a escolha da metodologia utilizada decorre do trabalho de base realizado na Comunidade Viva Deus, em que atuamos junto ao Grupo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação Popular - GEPEEP –, iniciado em 2015, da Universidade Federal do Maranhão, objetivando o estreitamento dos laços da produção acadêmica em colaboração com a comunidade, bem como nos elevar a níveis mais amplos de análise dos processos educacionais.

2. O MÉTODO PAULO FREIRE E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A PESQUISA-AÇÃO: Origem Histórica

A Educação proposta por Paulo Freire implica necessariamente nos processos de libertação de um povo, e para tanto, propõe uma educação dialógica, uma vez que o objetivo da mesma deve ser sempre a conscientização e a libertação. Seu método foi elaborado em 1960 em coletivo com o Movimento Cultura Popular do Recife (MCP), na periferia da cidade. A primeira experiência foi realizada na comunidade de Angicos no Rio Grande do Norte, onde foram alfabetizados 300 trabalhadores rurais em 45 dias.

Os pontos de partidas dessa proposta de Educação é o saber e a iniciativa popular. Somente o povo sabe o que é melhor para si e o que deve aprender, o que se expressa num conjunto de símbolos carregados de ancestralidade e identidade da própria cultura que produzem e reproduzem. Partir do saber do educando inclusive para pensar numa metodologia própria de trabalho geralmente não é concebível em outras formas de educar ou outros modelos educacionais.

Em termos metodológicos, somente o grupo com o qual se está trabalhando pode saber quais os melhores caminhos para aprender ou ensinar, dependendo das próprias demandas educacionais. Não se trata de transferir ou repassar conteúdo, mas ter a cultura

do sujeito como elemento base para o processo educativo.

Outro aspecto importante nessa metodologia diz respeito ao diálogo como essencial na mediação entre os sujeitos envolvidos no processo, onde para o autor, a atitude dialógica é, antes de tudo, uma atitude de amor, humildade e fé nos homens, no seu poder de fazer e de refazer, de criar e de recriar, de ser construtor da própria história. (FREIRE,2016 p.110-112).

2.1 O método Paulo Freire e seus procedimentos metodológicos: Fases para a elaboração do material didático

O método é construído por meio de fases. A primeira diz respeito ao universo vocabular dos sujeitos, ou seja, quais palavras fazem realmente parte da sua vida e do seu cotidiano. Após tal levantamento, são selecionadas algumas palavras, as mais prementes dentre o grupo, onde devem ser colocadas em ordem de dificuldade crescente, ser considerada a riqueza silábica e o compromisso político da palavra com a própria realidade sociocultural do educando.

Enquanto terceira fase, é necessário que sejam criadas situações existenciais típicas com o grupo trabalhado. Ou seja, apresentar situações codificadas de modo que, coletivamente, sejam decodificadas com a colaboração do coordenador do Círculo de Cultura. Nesse momento, é necessário que os sujeitos criem alternativas para superar as situações-problema propostas.

Na quarta fase são elaboradas fichas indicadoras onde constam as palavras mais usuais. Servem como um direcionamento para o coordenador. Na quinta fase, também são elaboradas fichas contendo palavras geradoras, em que aparecem as famílias fonéticas. É necessário que todo esse material seja construído em formato de cartazes escritos em letras maiúsculas e minúsculas para melhor apreensão do grupo.

2.2 O método Paulo Freire e seus procedimentos metodológicos: O círculo de cultura

O círculo de cultura representa um instrumento metodológico de pesquisa-ação, tendo nascido de uma demanda popular de alfabetização, largamente utilizado na Educação Popular, e, hoje, é utilizado em uma série de coletivos seja no campo ou na cidade. Enquanto figura geométrica é organizado sob o formato de círculo, objetivando que todos, inclusive os coordenadores presentes, possam se olhar, buscando uma socialização afetiva de aprendizagens e vivências da cultura local, o que representará o elemento base da aprendizagem.

Nesse formato de organização, os sujeitos se sentem livres para expressar suas demandas, vivências, depoimentos e diálogos, uma vez que substitui o método tradicional de organização em fileiras, o que causa um retraimento nos educandos de expressar suas falas. Nesse aspecto, Weffort (1980) afirma que:

A visão da liberdade tem nesta pedagogia uma posição de relevo. É a matriz que atribui sentido a uma prática educativa que só pode alcançar efetividade e eficácia na medida da participação livre e crítica dos educandos. É um dos princípios essenciais para a estruturação do círculo de cultura, unidade de ensino que substitui a “escola”, autoritária por estrutura e tradição. Busca-se no círculo de cultura, peça fundamental no movimento de educação popular, reunir um coordenador a algumas dezenas de homens do povo no trabalho comum pela conquista da linguagem. O coordenador, quase sempre um jovem, sabe que não exerce as funções de “professor” e que o diálogo é condição essencial de sua tarefa, “a de coordenar, jamais influir ou impor”. (WEFFORT, 1980, p. 04).

Dessa forma, no círculo de cultura, todos podem participar ativamente do debate, e, no objeto aqui referenciado, o conteúdo das discussões diz respeito a busca por melhores condições de vida, trabalho, regularização fundiária, bem como uma diversidade de aspectos que compõem a luta da classe trabalhadora.

O principal objetivo do círculo de cultura é o de socialização de demandas, para que, coletivamente, o grupo encontre meios de superar os problemas vivenciados. Por meio do diálogo em meio ao círculo de cultura, os participantes são convidados a refletir sobre a própria formação e alfabetização, bem como à contribuição para a Emancipação Humana e para a Conscientização destes sujeitos.

Para a elaboração do texto pelo grupo, é necessário que, no círculo de cultura, tenha sido definida a palavra geradora, palavra essa, que será o elemento base no processo e representa a necessidade ou conflito mais premente no diálogo entre o grupo. Desse modo, a mesma eleva o processo a um parâmetro bastante aproximado dos aspectos que compõem a cultura do educando.

A palavra geradora é como um dispositivo que ativa a criatividade dos educandos de maneira a criar mais frases e ideias que irão colaborar para a elaboração do texto coletivo, que, se apresenta inicialmente, oralmente, e posteriormente, será escrito pelo grupo num cartaz. Assim também, a construção do texto ocorre a partir do universo vocabular do grupo, em que é desenvolvido. O texto coletivo é trabalhado como referência para o processo de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita, com base na sonorização das palavras, do reconhecimento de sílabas e das letras no contexto do tecido textual.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desse modo, a alternativa metodológica proposta por Freire, encontrada como por exemplo, nas obras *Educação como Prática da Liberdade* (1967) e *Pedagogia do Oprimido* (1970), nos permite conceber a metodologia enquanto um procedimento que deve servir aos interesses do grupo com o qual se trabalha. Tais interesses, no caso aqui estudado, dizem respeito a demandas relacionadas ao trabalho e aos movimentos de luta pela terra.

Somente o processo de imersão decorrente da metodologia da pesquisa-ação permite ao pesquisador capturar de forma mais abrangente o universo de sua pesquisa de forma processual. A Educação Popular de Paulo Freire enquanto um referencial de partida, demanda utilizarmos uma metodologia que acompanhe o movimento da sociedade e das relações humanas, uma vez que são base das práticas educativas.

Não obstante, a diversidade de aspectos apreendidos na pesquisa-ação é definida ao longo do processo. Mensurações iniciais não devem ser consideradas. Somente a processualidade irá dizer quais caminhos a pesquisa deve adotar. No entanto, a essência da metodologia deve ser preservada ao longo desse processo: considerar o saber inicial do educando, a escuta sensível e atenta, ter a cultura local como principal referência, a dialogicidade, o convívio social, as subjetivações dos sujeitos, dentre outras categorias relevantes para a contemplação da investigação na Pesquisa-ação.

REFERENCIAL TEÓRICO

BARBIER, René. A pesquisa-ação. Tradução de Lucie Didio. Brasília: Plano, 2002.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. Investigação qualitativa em educação: uma introdução

à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. Etnografia: saberes e práticas. In: PINTO, Céli Regina Jardim; GUAZZELLI, César Augusto Barcellos. Ciências Humanas: pesquisa e método. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

RUIZ, J. A. Metodologia científica: guia para eficiência nos estudos. São Paulo: Atlas, 1976.

THIOLLENT, M. Metodologia da Pesquisa-Ação. São Paulo, Cortez, 1985. FREIRE. Educação como prática de liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 19ª Ed, 1989.

WEFFORT, Francisco. “Educação e política (reflexões sociológicas sobre uma pedagogia da Liberdade)”. In: FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

Palavras-chave: Pesquisa-ação; Metodologia Práxica Freireana; Educação Popular.